



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de abertura da reunião de chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados

Montevidéu - Uruguai, 18 de dezembro de 2007

(falha na gravação) ...vira e mexe, nas reuniões do Mercosul, nós criticamos a nossa burocracia e, às vezes, passamos a idéia de que os presidentes não têm culpa do que acontece no Mercosul.

O Mercosul é como se fosse um filho que nós colocamos no mundo e, ao mesmo tempo, somos tão exigentes com esse filho que, muitas vezes, não vemos nenhuma beleza nele, só vemos coisas feias. E ficamos achando que fora de nós existem outras coisas que poderiam facilitar a vida dos países que compõem o Mercosul.

Dentro dos nossos países, dentro dos nossos governos, dentro da nossa burocracia, ainda tem muita gente que não assimila o Mercosul. Tem muita gente que adoraria ter acordo apenas com a União Européia, porque só tem países ricos, ou com os Estados Unidos.

Bem, eu acho que é importante fazer a seguinte avaliação: poderíamos pegar o tempo que nós tivemos para trás para avaliar o que acontecia conosco antes de nós, que estamos aqui, entrarmos no governo. O Chávez é o decano da nossa turma, eu sou o segundo decano do Mercosul e, nesses cinco anos de experiência, vamos ver o que aconteceu. Na primeira reunião que eu fiz, como presidente do Mercosul, o Mercosul era tido como uma instituição falida, uma instituição que nem atendia aquilo para a qual foi criada. Essa foi, Cristina, a minha primeira reunião no Mercosul. Todos os presidentes que falaram, se queixaram do Mercosul.

Vamos ver o que aconteceu nesses cinco anos. Nós integramos o Mercosul com um fluxo comercial, e eu posso falar do Brasil. O fluxo comercial



do Brasil com o Mercosul era de 10 bilhões de dólares em 2003. Hoje o fluxo, entre importação e exportação, soma quase 24 bilhões de dólares, ou seja, nós crescemos 14 bilhões de dólares.

O importante é que nós estamos percebendo que para alguns países a situação tem mudado, e mudado para melhor. Poderíamos pegar o caso do nosso anfitrião, o Uruguai. No ano passado, tivemos uma balança comercial, com o Brasil, de 500 milhões de dólares – de exportação do Uruguai para o Brasil – e nesses dez meses de 2007 já chega a 800 milhões de dólares. E pode melhorar muito mais, se nós resolvermos alguns problemas que discutimos em todas as reuniões. Passa a Presidência Pro Tempore do Lula, do Tabaré, do Nicanor, e o tema continua. Os ministros da Fazenda se reuniram ontem e decidiram resolver o problema das assimetrias entre os países que compõem o Mercosul, ou seja, acabar com a dupla tributação. Esse é um passo extremamente importante.

Eu só queria chamar a atenção dos presidentes para o seguinte: se nós, presidentes, não colocarmos isso como tarefa – a Cristina assume a Presidência Pro Tempore –, se não colocarmos um ou dois temas como prioridade um a ser resolvida pelos presidentes, pode ser que daqui a seis meses estejamos discutindo outra vez as assimetrias.

Bem, se há disposição e concordância dos ministros da Fazenda em levar esse tema a sério, acho que nós deveríamos fazer um cronograma para que a gente pudesse resolver definitivamente essa questão das assimetrias, mexendo com essa coisa chamada bitributação, que tem sido a queixa de todos os presidentes. Então, vamos resolver esse assunto. Vamos colocar isso na mesa dos presidentes. Quando os nossos técnicos tiverem divergências, não deixem essas divergências demorarem três, quatro ou cinco meses. Coloquem na mesma semana, para que os presidentes decidam.

Nós tivemos duas experiências, nesta semana, que eu queria contar para vocês, que eu acho ricas. Chávez e eu decidimos, há três anos, construir



uma refinaria no Brasil e fazer uma parceria na Venezuela. Bem, já lançamos a pedra fundamental, já fizemos uma festa, já fizemos discursos e marquei para o dia 10, na Venezuela, para firmar o contrato da refinaria. Quando chegamos lá, nem PDVSA e nem Petrobras estavam de acordo. Precisamos chamar a PDVSA e a Petrobras, e decidimos que eles tinham que cumprir. Cumprimos a metade. Falta a outra metade, que vamos resolver em março, numa reunião que vamos ter no Brasil.

Ontem, na Bolívia, a mesma coisa. Estamos numa disputa, numa briga, e depois o que nós descobrimos? Quando você coloca dois técnicos importantes, de empresas importantes, discutindo, o tempo da política não é o tempo do técnico. A impressão que se tem é que eles defendem a empresa com mais amor do que a gente defende, como se nós não quiséssemos nada com a empresa.

Ontem, depois de mandar todo mundo para a Bolívia dois dias antes, na hora em que se vai para a reunião oficial, não tem acordo. Por que não tem acordo? Porque YPF e Petrobras não se colocaram de acordo. Como na Venezuela, Evo e eu chamamos as duas empresas e, em dez minutos, chegamos a um acordo e firmamos o acordo.

Então, essa questão da TEC, nós precisamos colocar como prioridade. É uma tarefa, Cristina, que nos próximos meses essa questão da bitributação estará resolvida no nosso meio, para não ter mais problemas. Vamos discutir outro assunto. Nós temos um problema sério, que são os investimentos das economias mais volumosas nos países de economia menor. Ou nós nos convencemos de que é preciso que Argentina e Brasil, neste momento, comecem a pensar como a gente pode incentivar investimentos das nossas economias nos outros países, ou nós teremos problemas eternos no Mercosul.

Eu, então, queria reconhecer que nós já fizemos muita coisa. Eu acho que nós avançamos muito. Obviamente que nós vivemos os problemas internos de cada país, as disputas internas, uns contra e outros a favor do



Mercosul. Mas vamos olhar esse filho que nós colocamos no mundo e ver que ele já produziu coisas importantes e pode produzir muito mais. Até porque eu compreendo que nós ainda não utilizamos 40% ou 30% do potencial que nós temos que produzir.

Então a minha sugestão é essa: Cristina, na hora em que assumir a Presidência Pro Tempore, defina essa questão das assimetrias como a coisa sagrada para a gente resolver. Aí, pegue por telefone, se tiver divergência entre os nossos ministros da Economia, telefone para os presidentes, nos reunimos, em uma hora de viagem estaremos em qualquer das capitais aqui, e tomamos a decisão política, para andar um pouco. Nós temos problemas na aduana de cada país. Cada secretário-geral da Receita Federal parece que é o dono do país. Então, se nós não fizermos a decisão política de dizer: “Olha, vai ser assim”, nós não resolvemos esse problema. Fica sempre uma coisinha que a gente decide aqui e oito meses depois não aconteceu nada. Então, a minha sugestão é que, como decano dos quatro países do Mercosul, acho que nós precisamos definir um tema em cada reunião e resolver esse tema, para que a gente possa estar sempre avançando.

Eu acho que a criação do Parlamento foi uma coisa extremamente importante, a criação do Focem foi outra coisa importante. Agora, tudo isso está começando e acho que nós deveríamos... Agora, criamos o Banco do Sul, que vai ser um fomento importante. Dessas reuniões saiu a idéia de criar o Unasul. Eu acho que nós estamos dando passos importantes. Agora, é preciso só ter claro que tem inimigos internos e externos que não querem. É como se nós acordássemos, todos os dias, olhando para os nossos filhos e dizendo: Que filho feio, tem o nariz grande, tem o pé muito grande ou tem a orelha grande. Vamos achar um pouco de beleza nesse filho! Afinal de contas, fomos nós que o colocamos no mundo. As coisas que não estão andando, não é culpa do vizinho, não é culpa da Alemanha, não é culpa dos Estados Unidos ou do Japão, a culpa é nossa. E tomarmos as decisões que nós precisamos



tomar. Então, a minha sugestão é essa.

Já que vai ter, pela primeira vez, uma mulher na presidência Pro Tempore do Mercosul, a gente tem que fazer valer as coisas no Mercosul. Eu acho que nós temos que avançar daqui para a frente. Eu falo isso, Tabaré, porque eu tenho mais três anos de mandato. Eu sei o que foi o sofrimento dos primeiros quatro anos, aprendemos muito e eu penso que nós, pelo menos da minha parte, quero dedicar esses três anos para tentar corrigir as coisas que não foram possíveis nos primeiros quatro anos. Estou muito à vontade, tenho muito mais noção do significado do Mercosul, tenho muito mais noção do significado da união da América do Sul. E eu penso que a hora é, agora, de a gente fazer acontecer, porque senão vão ficar os saudosistas, o tempo inteiro... Todo mundo vai ficar achando que não vai dar certo, que nós temos que tentar outros meios. O que nós precisamos... O que está acontecendo com Israel, hoje, tem que acontecer com outros países, tem que acontecer com a União Européia, isso é uma coisa importante. Pode acontecer ainda com a China, com a África do Sul, esse é um caminho importante. Eu queria é que nós fossemos otimistas com relação ao Mercosul, que nós acreditássemos no Mercosul e que nós trabalhássemos para fazer acontecer o que ainda não aconteceu.

Eu confesso a vocês que, embora eu quisesse que tivesse acontecido muito mais coisas, eu acho que nós já avançamos. E se não avançamos mais, a culpa é eminentemente nossa, porque muitas vezes nós não fazemos valer o mandato presidencial que nós conquistamos nas urnas. Muitas vezes, uma decisão técnica fica prevalecendo por seis meses, um ano, e a gente não banca politicamente. Eu acho que daqui para a frente nós temos que tomar as decisões políticas e fazer nossos técnicos colocarem em prática, muitas vezes descontentando um setor empresarial. Muitas vezes, vai ter setor empresarial na Argentina, no Brasil, na Venezuela, no Uruguai, no Paraguai, que não vai querer. Mas nós não podemos governar os nossos países pensando num



setor, temos que pensar no conjunto da economia. Então, essa é a minha sugestão.

Primeiro, quero lhe dizer que nós avançamos. Segundo, dizer que nós poderemos avançar nos próximos dois anos o que não avançamos em dez, depende única e exclusivamente das nossas decisões políticas. Se a gente ceder à burocracia interna ou se a gente ceder àqueles que ficam sonhando que podem vender tudo para os Estados Unidos e ter vantagens com a União Européia, nós não vamos avançar. Mas se acreditarmos em nós e fizermos o que é preciso ser feito, eu acho que nós daremos um salto de qualidade. Por isso eu sou muito otimista com relação ao Mercosul.